

# MARCAS DA ORALIDADE NAS REDAÇÕES DOS ALUNOS DO PREUNI

*José Teixeira Neto (UFS)*  
[txrneto@gmail.com](mailto:txrneto@gmail.com)

## ***1. Introdução***

Sabemos que quando o aluno chega à escola, ele já desenvolveu todo o processo de fala, portanto é normal que haja transposição da oralidade no momento em que inicia a produção de textos escritos. Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a apresentar as marcas da oralidade nos textos escritos pelos alunos do PREUNI, curso pré-vestibular oferecido pelo governo do Estado, na cidade de Tobias Barreto, a fim de melhor compreender essa influência e encontrar caminhos para o tratamento de tais questões linguísticas.

Segundo Urbano (1998, p. 131), “todos que falamos e escrevemos temos um conhecimento empírico forte de que não se escreve como se fala.” Porém, há textos escritos que apresentam fortes marcas da oralidade e da linguagem coloquial. Isso se deve ao fato de ser a escrita uma representação da norma padrão e, por isso, um tanto distante de uma grande parte dos alunos, seja por fatores socioeconômicos ou culturais.

As considerações aqui propostas levam em conta os aspectos da língua falada, de natureza interacional, observando os níveis lexical e frasal. Mostraremos, a partir dos excertos analisados, os desvios quanto aos padrões de formalidade da língua escrita, através de ocorrências linguísticas encontradas nos textos dos alunos, considerando que a oralidade está mais presente no dia-a-dia dos usuários de uma língua do que a escrita, tendo em vista que, segundo Marcuschi (2009, p. 17), sob o ponto de vista da realidade humana, o homem é um ser que fala e não um ser que escreve.

Nesse sentido, vale ressaltar que no momento da produção do texto, o aluno o faz de acordo com seu conhecimento linguístico sobre a norma padrão, ou seja, “polícia-se” com mais rigidez, para que não ocorra “erro”. Entretanto, a oralidade, por sua vez, que segue uma forma diferenciada de construir enunciados, vai influenciar na escrita, ou seja, naturalmente vai deixar suas marcas no texto, razão por que acreditamos ser importante discutir essas marcas da oralidade na escrita.

Sob essa visão, pode-se deduzir que a escrita tem uma forma canônica e muito mais convencionalizada do que a fala, no entanto, em muitos casos, ou seja, em muitos textos escritos, encontram-se “pegadas” da fala a fim de envolver o leitor, de modo a torná-lo um participante ativo da mensagem em seu papel de receptor.

## **2. *O drama da escrita***

Atualmente, pedir um texto escrito em sala de aula é, para uma grande parte dos professores, conviver, por alguns minutos com a angústia de não ver o aluno nada produzir ou escrever o mínimo possível, mesmo assim, na maioria das vezes, frases soltas e desconexas. Se, para o professor, essa situação é preocupante, para o aluno, é angustiante, uma vez que este é que está na obrigação de entregar seu trabalho ao professor em um espaço de tempo que, diante da aflição no momento em que escreve, torna-se curto.

Faulstich (2003, p. 10) afirma que:

Redigir é dizer a outrem o que se pensa. Ao conversar, está-se como que redigindo oralmente; ao escrever uma carta, de qualquer natureza, está-se redigindo; (...) ao escrever uma estória, uma descrição de cena ou de objeto e ao defender um ponto de vista, está-se redigindo.

O que fazer diante dessa realidade é tão complexo quanto a própria situação vivenciada por professor e aluno, já que o ato de escrever requer de quem se propõe a tal tarefa habilidades de uso da linguagem na modalidade escrita.

Um aspecto relevante no que diz respeito à escrita é que esta, segundo Flôres e Silva (2005, p. 41), não pode ser tida como uma representação da fala, já que escrever apresenta elementos significativos próprios em relação à transmissão das informações, os quais grande parte dos alunos desconhecem. Por conta dessa realidade, os estudantes utilizam recursos da linguagem oral na produção dos textos. Além disso, “em relação a textos orais escritos, fatores de textualidade como coerência e coesão atuam de forma diferente” (CARVALHO, p. 65), o que exige conhecimento acerca dos mecanismos de utilização de uma e outra modalidade da língua. E é esse um dos conhecimentos que ainda faltam para o aluno poder expressar-se através da escrita de modo satisfatório e com segurança, razão por que escrever, para grande parte dos estudantes, é tarefa difícil e complicada.

### 3. *Linguagem oral x linguagem escrita*

Nos últimos anos, a língua oral e a língua escrita vêm sendo objeto de estudo e de pesquisa nas universidades brasileiras, com o objetivo de se apontarem as diferenças entre uma e outra. Castilho (*apud* CARVALHO, 1986) considera a língua oral como modo pragmático da linguagem, por estar apoiada em situações de fala, e a língua escrita como modo sintático, por se organizar no âmbito de uma relação lógica. Nesse sentido, Koch (1992) elenca algumas características marcantes em relação às modalidades oral e escrita da língua:

FALA	ESCRITA
Não planejada	Planejada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas.	Não fragmentária
Pouco uso de passivas	Predominância de frases completas, com subordinação abundante. Emprego frequente.
Emprego de expressões do tipo: <i>né, então, aí, pois é.</i>	Raro uso dessas expressões.

Ainda no que tange à comparação entre a produção oral e à produção escrita, Neves caracteriza a linguagem falada como espontânea, de planejamento simultâneo à produção, e a linguagem escrita como um produto do planejamento prévio. Isso quer dizer que a primeira se apresenta com mais “erros” do que a segunda, cujo foco está no como dizer, isto é, há uma preocupação em não utilizar formas linguísticas típicas da oralidade, que, segundo alguns gramáticos, é mais utilizada por ser mais “fácil” e permitir mais flexibilidade em relação às normas linguísticas.

Segundo Martin (1996, p. 54), o código gráfico é um artefato pelo uso que dele se faz, enquanto o oral flui de maneira natural, com maior ou menor habilidade. Além disso, o Brasil é um país com grande extensão territorial, o que favorece uma variação linguística acentuada e desvios no uso da linguagem, ou até mesmo confusão no momento de utilização da língua oral e da língua escrita.

Embora, segundo Kato (1986) a escrita e a fala sejam realizações de uma mesma gramática, há uma variação na forma como é empregada cada uma dessas modalidades. A fala é diferente da escrita, uma vez que uma e outra têm características próprias, porém a fala, por ser mais utilizada pelos usuários da língua, acaba por influenciar no processo de escrever, sobretudo nos alunos do ensino fundamental e, por extensão, os

egressos do ensino médio, os quais, na sua maioria, ainda apresentam dificuldades de uso da modalidade escrita.

Observa-se ainda que, numa comparação entre a oralidade e a escrita, não são empregadas as mesmas unidades sintáticas. Ao nos comunicarmos oralmente, valemo-nos de recursos tais como: *né, daí, aí, já, então, certo*, para verificarmos se o interlocutor está atento ou nos ouvindo, ou para simplesmente tornar a interlocução mais participativa, ou seja, quem fala induz quem ouve a envolver-se ativamente na conversa mediante esses marcadores acima citados. No caso de grande parte dos alunos, eles utilizam aqueles recursos como para manter o mesmo nível interação, isto é, como se estivessem conversando com o suposto leitor.

#### 4. *Análise dos textos*

Tal análise se dará com o intuito de identificar uma possível relação entre as marcas do falar e os traços comuns aos desvios da norma, comprovando a provável interferência da fala na escrita.

Para esse trabalho, selecionamos quatro textos produzidos em uma das aulas de redação em que o tema da redação, proposto pela coordenação do PREUNI, diz respeito ao papel da imprensa numa sociedade democrática, ao que os alunos escreveram:

##### 4.1. **Nível lexical:**

*“Através da imprensa, podemos denunciar políticos (...) que vêm sondando nosso país...” (T. D. S.)*

*“Hoje os brasileiros vivem em busca de uma sociedade democrática com opiniões próprias ...”*

Nos fragmentos acima, verificamos a supressão dos fonemas “d”, da terminação do gerúndio (-**ndo**) e a omissão do fonema “r”, da palavra **próprias**, comportamento presente na linguagem oral, em situação de fala em que o falante se descuida em relação à correta pronúncia das palavras.

*“Muitos podem até achar que a imprensa exagera nos fatos, **mais** é através dela que...” (J. M. J.)*

Nesta passagem, nota-se a ditongação na palavra da palavra **mas**, através do acréscimo da semivogal “i”, fato comum na língua falada.

“... deixar os telespectadores informados de vários acontecimentos que **vivi** o nosso país e o mundo” (J. M. J.)

Nesta outra passagem, aparece a neutralização do fonema “i” na forma verbal de viver em lugar da vogal reduzida “e”, o que caracteriza a língua oral. Isso porque na fala, o “e” reduzido tem som de “i”.

“... não deixa a sociedade pensar em quem **tá** certo ou errado...” (G. F. S.)

No fragmento acima, nota-se a supressão da sílaba “es-”, da forma verbal **está**, 3ª pessoa do singular, fato comum em um ato de fala.

#### 4.2. Nível frasal:

“... medo de que as coisas erradas **caiam na boca do povo**”. (T. R. O.)

No fragmento acima, percebe-se na parte negritada uma expressão formulaica, isto é, uma expressão típica da fala, dita para significar que “as coisas erradas” se tornem públicas.

“**Nós brasileiros temos que pensar muito, muito mesmo, em quem nós devemos votar...**” (G. S. C.)

Nota-se que no trecho acima, há uma forma de intensificação de um fato, própria da linguagem oral, representada pela repetição do advérbio de intensidade “muito” e pelo acréscimo da palavra “mesmo”, após os advérbios.

“... é uma forma de mostrarmos a eles que **estamos de olhos bem abertos, filmando tudo** que anda acontecendo, ...”

Nas frases em destaque, estão presentes duas formas de expressão próprias da fala. Uma expressão formulaica: “**estamos de olhos bem abertos**”, para significar “estar atento”; e a gíria: “**filmando tudo**”, com o sentido de “observando tudo”.

### 5. Considerações finais

Como se pode perceber, a presença da linguagem oral é marcante nos textos escritos pelos alunos pré-vestibulandos, uma vez que eles não adquiriram, no tempo em que passaram estudando, o domínio necessário

para utilizar a modalidade escrita da língua. Isso se explica pela deficiência do ensino da língua portuguesa nas séries iniciais e pelos hábitos linguísticos, utilizados inconscientemente nos textos escritos, adquiridos pelos fatores social, cultural, histórico e econômico. Os quatro textos que selecionamos representam uma amostragem de toda a turma, ou seja, o que encontramos, nos que aqui foram analisados, podemos perceber nos demais textos da turma.

Segundo Marcuschi (2001, p. 17), oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias e que permitem a construção de textos coesos e coerentes. A diferença é que a primeira se utiliza dos sons da fala, e a segunda de sinais gráficos. Logo, sabemos que existem diferenças significativas entre a língua falada e a língua escrita, porém as duas estabelecem a comunicação. Nesse caso, é papel dos usuários da língua, tanto ao falar, quanto ao escrever, ter clareza, objetividade e segurança em relação ao que dizer e como se expressar nas diversas situações de comunicação linguística. Nesse caso, entra o papel da escola no sentido de preparar o aluno para o desempenho linguístico, de modo que ele empregue as duas modalidades de uso da língua de acordo com os critérios de uma e outra.

Assim, pareceu-nos natural que a oralidade obedece a certas unidades sintáticas que não são empregadas na língua escrita, o que indica que as unidades na conversação devem obedecer a princípios comunicativos e não a princípios puramente sintáticos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Maria Leônia Garcia Costa. Relações entre língua falada, língua escrita e ensino. In: *Atas do V Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade*. Disponível em:

<<http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%201/1/PDF/Microsoft%20Word%20-%20MARCAS%20DE%20ORALIDADE%20EM%20TEXTOS%20ESCRITOS%20UMA%20CARTA%20DE%20HENFIL.pdf>>.

FAULSTICH, E. L. de J. Com a intenção de ler. In: \_\_\_\_\_. *Como ler, entender e redigir um texto*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FLÔRES, Onici; SILVA, Mozara Rossetto da. *Da oralidade à escrita: uma busca da mediação multicultural e plurilinguística*. Canoas: ULBRA, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTIN, Robert. O escrito como espaço de convenções. In: CATACH, Nina. (Org.). *Para uma teoria da língua escrita*. São Paulo: Ática, 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura. Fala e escrita: A mesma gramática? In:

PRETTI, Dino. (Org.). *Oralidade em textos escritos*. São Paulo: Humanitas, 2009, 19-40.

URBANO, Hundinilson. Variedades de planejamento no texto falado e no escrito. In: PRETTI, Dino (Org.). *Estudos de língua falada*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.